

JOSÉ ANTÔNIO, A LACUNA QUE RESTOU

Leonardo Dantas SILVA

Certa vez o poeta Mauro Mota, ao fazer a apresentação de um dos seus livros¹, afirmou: “*o que ele diz é; e se não é, passa a ser!*”.

Para os que se dedicam aos estudos históricos, o nome de José Antônio Gonsalves de Mello continuará presente por muitas gerações que terão em sua obra, parte dela ainda desconhecida, fonte de referência obrigatória, inspiração para novos caminhos e exemplo de toda uma vida dedicada à pesquisa.

Para os seus discípulos, porém, o desaparecimento de José Antônio deixa em todos o sentimento de orfandade. A sensação de perda irreparável, ausência de uma retaguarda, barco sem timoneiro, alavanca sem fulcro, insegurança e falta de estímulo para prosseguir na caminhada.

Para quem escreve estas linhas, ainda com o coração nas mãos, a ausência de José Antônio é muito mais do que tudo isso... Com o seu passamento eu, que fui dos seus discípulos o mais amado, me vi, como que de repente, sem a presença do amigo, do companheiro de inúmeras viagens por terras de Portugal, do mestre vigilante e compreensivo, do conselheiro de todas as horas, enfim, daquele pai espiritual que, desde 1966, veio atenuar uma outra lacuna, a que me foi deixada com a ausência do Tônico².

Trabalhando diuturnamente, no anonimato, sem o apoio e o incentivo que deveria merecer, ele dedicou mais de seis décadas de sua

⁽¹⁾ Mello, José Antônio Gonsalves de. *Manoel Arruda da Câmara - obras reunidas*. Apresentação de Leonardo Dantas Silva. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982. 558 p. il. (Coleção Recife; v.23).

⁽²⁾ Antônio Machado Gomes da Silva Neto, também conhecido como Tônico Silva, pai do autor destas linhas, nascido no Recife em 12 de dezembro de 1894, e falecido na mesma cidade, em 27 de setembro de 1966.

vida à pesquisa histórica, numa busca incessante das raízes de nossa pernambucanidade, resolvendo papéis de há muito esquecidos (alguns, até, considerados desaparecidos), salvando tanto o perdido como o achado, corrigindo velhos textos, destruindo lendas e ficções, formando discípulos e orientando os mais novos, ele foi a legenda maior do estudo do nosso passado deixando o seu nome inscrito no panteão dos *Grandes de Pernambuco*.

RECIFENSE DA JAQUEIRA

Nascido no bairro recifense da Jaqueira, às margens do Rio Capibaribe (Rua Leonardo Cavalcanti, em casa do seu avô materno, Professor Virgínio Marques Carneiro Leão, em 16 de dezembro de 1916, filho de Albertina Carneiro Leão de Mello e Ulysses Pernambucano de Mello, conhecido médico psiquiatra e cientista social, José Antônio Gonsalves de Mello teve desde cedo, sua atenção despertada para os estudos pernambucanos pelo seu avô paterno (de quem herdou o nome), então sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

A partir de 1929 veio a sofrer influência do seu primo e amigo, Gilberto de Mello Freyre, que o convidou a colaborar na elaboração da primeira edição de *Casa-Grande & Senzala* (1933), para a qual contribuiu reunindo anúncios e notícias compilados das coleções dos jornais *Diário de Pernambuco*, *A Província*, *Jornal do Recife* e outros, conservada na então Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Ainda por sugestão de Gilberto Freyre, veio, a partir de 1933, dedicar-se aos estudos da língua holandesa, tendo por professores os padres da Ordem do Sagrado Coração, estabelecidos no subúrbio recifense da Várzea.

Já estudante da Faculdade de Direito do Recife, onde se formou em 1937, participou do 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, organizado por Ulysses Pernambucano de Mello e Gilberto Freyre, tendo apresentado o trabalho “A situação do negro sob o domínio Holandês”, publicado in *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. Rio 1937; 2ª ed. Recife: Massangana, 1988.

Iniciava assim os seus estudos acerca da presença holandesa no Brasil (1630-1654), tema de sua obra clássica, *Tempo dos Flamen-*

gos - *Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do Norte do Brasil* (Rio: José Olympio, 1947), hoje em quarta edição pela TopBooks do Rio de Janeiro e uma tradução para o holandês.

Com prefácio de Gilberto Freyre, o livro se transformou numa ampla análise sobre influência da ocupação holandesa na vida urbana e na vida rural do Nordeste do Brasil naquela primeira metade do século XVII. Um estudo apurado sobre a atitude dos holandeses para com os negros e a escravidão, para com os índios e a catequese e para com os portugueses e judeus, bem como para com as religiões católica e israelita, transformando-se, assim, em um dos marcos da moderna historiografia nacional.

Para a produção de *Tempo dos Flamengos* o seu autor, José Antônio Gonsalves de Mello, então com 28 anos incompletos, valeu-se da documentação reunida por José Higino Duarte Pereira (1885-86), conservada no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, bem como de uma extensa bibliografia, resultando assim no mais completo estudo sobre a importância de tal período de formação da nacionalidade brasileira, merecendo do mesmo José Honório Rodrigues o seguinte comentário:

Das fontes examinadas com tanto vagar e tanto cuidado pelo autor, nenhuma massa de fatos desconhecidos apareceu. Nos capítulos sobre a vida urbana e rural apenas minúcias, detalhes, fatos pequenos são novos. (...) Já não se pode dizer o mesmo dos três capítulos finais. Ai, ao lado das contribuições documentais novas, aparece um sentido, uma interpretação que alçam o livro as alturas realmente pouco atingidas. Traz então uma contribuição notável, pelo saber erudito, pela riqueza de documentação, pela novidade da matéria. O Jornal (Rio), 10 de agosto de 1947.

Com a criação por Gilberto Freyre do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em 1949, hoje Fundação Joaquim Nabuco, coube-lhe a tarefa de organizar a nova instituição na qualidade de seu primeiro presidente, função que ocupou até 1950 quando retornou ao Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado - IPASE, sua repartição de origem, na qual ingressou em 1935.

O GRÃO-MESTRE DA HISTÓRIA

A convite do Reitor da então Universidade do Recife, Prof. Joaquim Amazonas, realizou pesquisas em arquivos portugueses, entre 1951-1952, objetivando a elaboração das biografias dos *Restauradores de Pernambuco* (Recife: Imprensa Universitária, 1967. 2 v.), publicadas em separado a partir de 1954, quando das comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana, bem como de outros temas, inclusive um levantamento histórico-cartográfico do Recife, de interesse para a história do Nordeste do Brasil.

Transferindo-se do Ipase para a Universidade do Recife, em 1953, veio ocupar a cadeira de História da América na Faculdade de Filosofia. Em 1964 passou a exercer a função de Diretor do Instituto de Ciências do Homem, na mesma Universidade, acumulando com as funções de professor de História do Nordeste, Paleografia, Métodos Históricos e Técnicas de Pesquisa. Com a transformação daquele Instituto em Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a conseqüente mudança de centro de formação de pesquisadores em curso de bacharelado e licenciatura, continuou ministrando aulas no Curso de Mestrado de História até sua aposentadoria em 1977.

Em sua segunda estada na Europa (1957-1958), sob o patrocínio da Universidade do Recife, trabalhou nos arquivos dos Países Baixos, onde pôde consultar a farta documentação da Companhia das Índias Ocidentais, empresa responsável pela conquista do Nordeste brasileiro, na qual estão incluídos milhares de manuscritos da maior importância para o entendimento de nossa história social. Por ocasião de uma terceira estada nos Países pôde consultar a documentação notarial existente no Arquivo Municipal de Amsterdam, onde se conservam vários documentos relativos à Comunidade Judaica do Recife.

Durante sua gestão no Instituto de Ciências do Homem reuniu ele a invejável coleção de 60.000 documentos (51.874 de arquivos portugueses) de interesse para os estudos brasileiros na área do Norte e Nordeste do Brasil, trazidos de arquivos de Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e Países Baixos, além de uma coletânea de mapas da região, cidades e monumentos, especialmente copiados em aquarelas pela artista portuguesa Isabel Sangareau da Fonseca. No dizer de José Honório

Rodrigues, “trata-se do mais notável acervo de documentos históricos já reunidos pelo Brasil em uma Universidade”; in *A Pesquisa Histórica no Brasil. Sua evolução e problemas atuais*. 4 ed. São Paulo. Editora Nacional, 1982.

Não somente os arquivos da Europa mereceram a sua atenção, mas também, e principalmente, os arquivos públicos estaduais, as listas dos reservados da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e da Biblioteca Nacional de Lisboa, os arquivos das irmandades religiosas, os arquivos notariais, os arquivos de sociedades civis, as coleções de jornais e sobretudo os arquivos do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Na sua obstinação de pesquisador, custeou a grande maioria de suas estadas nos mais diversos arquivos da Europa, realizando assim um trabalho sem precedentes em favor da história colonial do Norte do Brasil. Grande parte do produto dessa vida dedicada à pesquisa faz parte da invejável bibliografia de trinta títulos, além de contribuições outras em revistas, jornais e obras compendiadas publicadas no Brasil e no exterior, hoje relacionados no opúsculo *José Antônio Gonsalves de Mello - Cronologia e bibliografia* (Recife 1995), elaborado pela bibliotecária Lúcia Maria Coelho de Oliveira Gaspar, da Fundação Joaquim Nabuco.

No que diz respeito a sua contribuição em obras coletivas, vale salientar a sua participação na elaboração de mais de cem verbetes do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão e editado por Iniciativas Editoriais, 4 v. (Lisboa 1963-1971); na *Enciclopédia Focus*. Lisboa Editora Sá da Costa; *História da Religião do Novo Mundo* (Washington 1958), com o artigo “Holandeses e calvinistas e a tolerância religiosa na América Portuguesa”; no livro comemorativo ao tricentenário do falecimento de João Maurício de Nassau (1604-1679), *Um príncipe humanista na Europa e no Brasil*, publicado em língua inglesa (Amsterdam 1979), com o artigo “Vicente Joaquim Soler no Brasil holandês”; nos “Aditamentos e Correções” à 2ª ed. dos Anais Pernambucanos, de F. A. Pereira da Costa. 10 v. Recife: FUNDARPE, 1983-1985 (Coleção Pernambucana; 2ª fase, v. 2-11), e na *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, por ele dirigida a partir de 1965.

Entre suas obras, além de *Tempo dos Flamengos*, hoje na quarta edição pela TopBooks, citaríamos a publicação da obra em três

volumes, *Restauradores de Pernambuco*, reunindo as biografias de *João Fernandes Vieira* (com segunda edição em Portugal, 2001), *Francisco de Figueiroa*, *Antônio Dias Cardozo*, *Henrique Dias*, *Dom Antônio Filipe Camarão*, *Filipe Bandeira de Melo*, *Francisco Barreto e Frei Manuel Calado do Salvador*, escritas sob encomenda da então Universidade do Recife e publicadas separadamente (1954-56), e *Antônio Fernandes de Matos*, em 1957; bem como do livro exemplo de metodologia histórica, com capítulos modelares de como se deve conduzir uma pesquisa na área das ciências sociais: *Estudos Pernambucanos. Crítica e problemas de algumas fontes da história de Pernambuco*, publicado em 1960 e a 2 ed. Recife 1986.

Outras de suas obras mereceriam figurar nesta relação, mas em *Gente da Nação. Cristãos-Novos e judeus em Pernambuco 1542-1654*, editado no Recife pela Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, em 1989, Gonsalves de Mello veio superar a si próprio no seu afã de descobrir a verdade no complicado quebra-cabeças da pesquisa histórica. Esgotada em três meses, a obra recebeu uma segunda edição em 1996, com apresentação do interesse do bibliófilo José E. Mindlin e do patronato do Banco Safra.

Repetindo Evaldo Cabral de Mello, in *Olinda Restaurada*. São Paulo: USP, 1975, José Antônio Gonsalves de Mello “*não é apenas o grão-mestre da história de Pernambuco e do Nordeste. É também o mais vigilante guardião dos valores que ela encerra*”.